

EMILY
DE LUA NOVA

Lucy Maud Montgomery

EMILY
DE LUA NOVA

Trilogia da mesma autora de
Anne de Green Gables

Tradução: Bruno Amorim



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2022 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês <i>Emily of New Moon</i>	Revisão Adriane Gozzo
Texto Lucy Maud Montgomery	Produção editorial Ciranda Cultural
Editora Michele de Souza Barbosa	Diagramação Linea Editora
Tradução Bruno Amorim	Design de capa Ana Dobón
Preparação Maria Lúcia A. Maier	Imagens Liliana Danila/shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

M787e Montgomery, Lucy Maud
Emily de Lua Nova/ Lucy Maud Montgomery ; traduzido por Bruno Amorim. - Jandira, SP : Principis, 2022.
368 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Clássicos da literatura mundial ; v.1)

Tradução de: Emily of the New Moon
ISBN: 978-65-5552-257-0

1. Literatura infantojuvenil. 2. Literatura canadense. 3. Família. 4. Órfão. 5. Adoção. I. Amorim, Bruno. II. Título. III. Série.

2022-0554 CDD 028.5
CDU 82-93

Elaborado por Lucio Feitosa - CRB-8/8803

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 82-93

1ª edição em 2022

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

Esta obra reproduz costumes e comportamentos da época em que foi escrita.

Sumário

A casa do vale.....	9
A vigília.....	17
Parente, mas não parece	28
Um conclave familiar	42
Diamante corta diamante.....	52
Lua Nova.....	60
O livro de ontem.....	71
Julgamento de fogo.....	87
Uma providência especial	99
Dores de crescimento.....	114
Ilse	123
O Sítio dos Tanacetos.....	132
Uma filha de Eva.....	148
O banquete	158
Várias tragédias.....	165
O xeque-mate da professora Brownell.....	178
Epístolas vivas	192
O padre Cassidy.....	206
Novamente amigos.....	224
“Romântico, mas nada agradável”	240
A granja Wyther	252
Tratos com fantasmas	260

Um tipo diferente de felicidade	271
“Ela não pode ter feito isso”	279
Na costa da baía.....	286
A promessa de Emily	298
A tecelã de sonhos	318
O sacrilégio.....	331
As cortinas se levantam	342
O grande momento de Emily.....	356

*Ao
senhor George Boyd Macmillan,
Alloa, Escócia,
em reconhecimento a sua longa
e estimulante amizade.*



A casa do vale

A casa do vale ficava a “um quilômetro e meio de qualquer lugar”, assim diziam os moradores de Maywood. Situava-se em uma pequena baixada coberta de grama, passando a sensação de não ter sido construída como as demais casas, mas de ter nascido ali, feito um enorme cogumelo marrom. O acesso a ela se dava por uma longa estrada de terra, a casa quedando-se quase completamente escondida pelas jovens bétulas que lhe cresciam no entorno. Dali, não era possível ver nenhuma outra casa, muito embora o vilarejo se avizinhasse no alto da colina. Ellen Greene dizia que aquele era o lugar mais solitário da Terra e que não passaria lá um dia sequer, não fosse pela pena que tinha da criança.

Emily não sabia que sentiam pena dela e tampouco sabia o que era solidão. Tinha companhia suficiente do pai, Mike e Sal Sapeca. A Mulher de Vento estava sempre por perto; assim como as árvores Adão e Eva, o Pinheiro Galo e todas aquelas amigáveis bétulas.

E havia também “o lampejo de inspiração”. Ela nunca sabia quando ele surgiria, e a expectativa a deixava animada e ansiosa.

Emily escapara no gélido crepúsculo para dar um passeio. Ela se lembraria daquele passeio muito vividamente pelo resto da vida; talvez por

causa da estranha beleza que lhe suscitara; talvez porque “o lampejo” se fez presente pela primeira vez em semanas; mas muito mais provavelmente por conta do que aconteceu quando ela regressou.

Aquele fora um dia frio e monótono de início de março e uma longa chuva ameaçava cair, o que acabou não acontecendo. O pai passara o dia recostado no divã da sala de estar. Tossira bastante e não trocara muitas palavras com Emily, o que não era nada comum. Passara a maior parte do tempo deitado, com as mãos sob a cabeça e os grandes e profundos olhos azul-escuros fixos, de modo distraído e sonhador, no céu nublado que se entevia entre os ramos dos dois grandes abetos que adornavam o jardim de entrada – Adão e Eva, como eram comumente chamados, em razão da insólita semelhança que Emily notara entre a pequena macieira que os ladeava e as figuras de Adão, Eva e a Árvore do Conhecimento, vistas em um desenho antigo, em um dos livros de Ellen Greene. A Árvore do Conhecimento tinha a exata aparência daquela pequena macieira atarracada, enquanto Adão e Eva permaneciam tão eretos e rígidos quanto os abetos.

Emily se perguntava em que pensava o pai, mas nunca o incomodava com perguntas quando sua tosse piorava. Apenas desejava ter alguém com quem conversar. Ellen Greene também não estava para conversa naquele dia. Limitava-se a resmungar, em sinal de que estava incomodada com algo. Estivera assim desde a noite anterior, após o médico cochichar com ela na cozinha, e quando foi dar a Emily seu lanche noturno, composto de pão e melaço. Emily não gostava de pão e melaço, mas comeu mesmo assim, para não ferir os sentimentos de Ellen. Ellen não costumava permitir que Emily lanchasse antes de ir se deitar e, quando o fazia, era porque, por algum motivo, queria lhe agradar.

Emily esperava que os resmungos cessassem no decorrer da noite, como era costume, mas, como isso não aconteceu, Ellen não lhe serviria de companhia. Não que isso fosse muito diferente em outros momentos. Certa vez, em um arroubo de cólera, Douglas Starr dissera a Emily que “Ellen Greene era uma gorda velha e preguiçosa sem nenhum valor”.

Depois disso, sempre que Emily olhava para Ellen, parecia-lhe que aquela descrição lhe caía como uma luva.

Assim, Emily encolhera-se sobre a velha poltrona surrada e confortável e passara a tarde inteira lendo *O Peregrino*¹, obra pela qual tinha verdadeira adoração. Percorrera muitas vezes, o caminho estreito e apertado² em companhia de Cristão e Cristiana³ – muito embora as aventuras de Cristiana lhe agradassem bem menos que as de Cristão. Para começar, havia sempre uma multidão acompanhando Cristiana. Ela não dispunha nem da metade do fascínio daquela figura intrépida e solitária que enfrentava sozinha a escuridão do Vale da Sombra e o encontro com Abadom. As trevas e os trasgos não são nada quando se está bem acompanhado. Mas estar só... Ah! Emily se arrepiava diante do delicioso terror da solidão.

Quando Ellen anunciou que o jantar estava pronto, Douglas Starr pediu a Emily que fosse comer.

– Não vou querer nada hoje à noite. Vou apenas me deitar aqui e descansar. Mas, quando você voltar, vamos ter uma boa conversa, minha fadinha.

Ele sorriu aquele velho e belo sorriso amoroso que Emily achava tão meigo. Ela comeu com bastante satisfação, embora a comida não estivesse lá muito boa. O pão estava empapado, e o ovo, meio cru, mas, para sua surpresa, conseguiu permissão para colocar Sal Sapeca e Mike sentados cada um de um lado, e Ellen apenas murmurou quando ela lhes deu pedacinhos de pão com manteiga.

Era tão fofa a forma como Mike se sentava sobre as patas traseiras e agarrava os pedacinhos de pão com as dianteiras, e Sal Sapeca tinha aquele jeito quase humano de tocar o calcanhar de Emily quando sua vez de ganhar comida demorava a chegar. Emily amava os dois, mas Mike era seu favorito. Era um gato bonito de pelo cinza-escuro e enormes

¹ Livro escrito pelo inglês John Bunyan e publicado em 1678, no qual se faz uma alegoria à vida cristã. (N.T.)

² Referência a Mateus 7:14 (Sermão da Montanha) e também ao livro citado anteriormente. (N.T.)

³ Personagens do livro citado anteriormente. (N.T.)

olhos de coruja; além disso, era tão macio, fofo e peludo. Sal sempre fora magra; não havia comida que a fizesse engordar. Emily gostava dela, mas nunca a acariciava por conta da magreza. Não obstante, havia uma beleza incomum nela que agradava a Emily. Seu pelo era cinza e branco – muito branco e muito suave; tinha a cara longa e afinada, orelhas muito longas e olhos muito verdes. Era uma lutadora formidável, e, ao enfrentá-la, os gatos de fora se davam por vencidos após um único *round*. A destemida fera atacava até os cães, subjugando-os completamente.

Emily amava seus gatos. Ela os criara sozinha, como fazia questão de dizer orgulhosamente. Ganhara-os da professora da Escola Dominical quando ainda eram filhotes.

– Um presente *vivo* é bom – explicou a Ellen –, porque nunca para de melhorar.

Mas o fato de Sal Sapeca não ter tido filhotes a preocupava.

– Não sei por que ela não tem filhotes – reclamava com Ellen Greene.

– A maioria das gatas tem tantos filhotes que nem sabe o que fazer com eles!

Terminado o jantar, Emily entrou e percebeu que o pai caíra no sono. Alegrou-se, pois sabia que ele não dormia bem havia duas noites, mas ficou um pouco desapontada por não terem tido aquela “boa conversa”. As “boas” conversas com o pai eram sempre maravilhosas. A melhor coisa a fazer depois disso seria dar uma caminhada; uma deliciosa e solitária caminhada naquela tarde cinzenta de início de primavera. Fazia muito tempo que não ia caminhar.

– Ponha o gorro e trate de voltar correndo se começar a chover – advertiu Ellen. – *Você* não pode brincar com resfriados como as outras crianças.

– E por que não? – inquiriu Emily, indignada. Por que logo *ela* devia se privar de “brincar com resfriados” se todas as outras crianças podiam fazê-lo? Não era justo.

Mas Ellen apenas grunhiu. Só pelo prazer de retrucar, Emily resmungou baixinho “Você é uma velha gorda sem nenhum valor!” e subiu às pressas para buscar o gorro – muito a contragosto, pois adorava correr com os cabelos ao vento. Botou o gorro azul desbotado sobre a trança de fartos e lustrosos cabelos negros, lançando um sorriso amigável ao

reflexo no espelho esverdeado. O sorriso começou no canto dos lábios e se espalhou pelo rosto em um movimento vagaroso, sutil e maravilhoso, como por vezes pensara Douglas Starr. Era o sorriso de sua finada mãe; aquilo que o cativara tantos anos antes, quando vira Juliet Murray pela primeira vez. Parecia ser a única semelhança física que Emily herdara da mãe. Em tudo mais, pensava ele, assemelhava-se aos Starr: nos grandes olhos cor de violeta, com cílios muito longos e sobrancelhas castanhas; na testa alva e larga (talvez um pouco larga demais); no delicado desenho do rosto pálido e oval e dos meigos lábios; nas pequenas orelhas, cujas pontas eram levemente salientes, apenas o suficiente para mostrar que ela tinha parentesco com tribos élficas.

– Vou dar um passeio com a Mulher de Vento, minha querida – disse Emily. – Queria poder levá-la também. Será que você alguma vez sai desse quarto? A Mulher de Vento vai estar nos campos hoje à noite. Ela é alta e nebulosa; suas roupas cinzentas e sedosas oscilam em volta dela; suas asas são como as de um morcego, salvo pelo fato de que se pode ver através delas; e seus olhos cintilam como estrelas através de seus cabelos longos e soltos. Ela sabe voar, mas, esta noite, vai caminhar comigo pelos campos. É uma grande amiga minha, a Mulher de Vento. Eu a conheço desde que tinha 6 anos. Somos velhas amigas, mas não tanto como nós duas, pequena Emily-do-espelho. Somos amigas desde sempre, não é?

Após lançar um beijo para a pequena Emily-do-espelho, Emily partiu.

A Mulher de Vento aguardava por ela lá fora, agitando as pequenas lâminas de capim-zebrina que despontavam rígidas no canteiro sob a janela da sala de estar, balançando os grandes ramos de Adão e Eva, sussurrando entre os brumosos galhos verdes das bétulas e atijando o Pinheiro Galo atrás da casa – ele, de fato, se assemelhava a um galo enorme e ridículo, com uma cauda imensa e farta, e a cabeça jogada para trás, pronta para cantar.

Fazia tanto tempo que Emily não saía para passear que se sentia meio enlouquecida de alegria por poder fazê-lo. O inverno fora tão turbulento, e a neve, tão alta, que ela nunca conseguia permissão para sair; no mês

de abril, havia chovido e ventado muito; portanto, agora, em maio, ela se sentia como um prisioneiro liberto. Aonde iria? Desceria o riacho ou atravessaria os prados rumo aos campos áridos de abetos? Emily escolheu a segunda opção.

Adorava os campos áridos de abetos, que se abriam para além depois do longo pasto em declive. Era um lugar onde a mágica acontecia. Não havia nenhum outro lugar onde pudesse gozar mais plenamente de seus direitos hereditários de fada. Ninguém que visse Emily deslizando sobre os campos nus a teria invejado. Era pequena e pálida, as vestes muito simples. Às vezes, tremia sob o fino casaco. Contudo, uma rainha teria dado de bom grado sua coroa em troca das fantasias e dos sonhos maravilhosos de Emily. A grama marrom e congelada sob seus pés era-lhe como um tapete de veludo. O velho e nodoso abeto coberto de lodo e quase morto sob o qual ela parou por um instante para observar o céu era-lhe como uma coluna de mármore em um palácio dos deuses. As colinas longínquas e obscuras eram-lhe como as muralhas de uma cidade maravilhosa. E, como companheiras, ela dispunha de todas as fadas do campo – pois, naquele lugar, conseguia acreditar nelas: as fadas dos trevos-brancos e dos amentilhos, os gnomos das relvas, os elfos dos jovens abetos e os espíritos do vento, das samambaias selvagens e das lanugens de cardo. Qualquer coisa era possível naquele lugar; tudo podia se tornar realidade.

E aqueles campos áridos eram um lugar magnífico para brincar de pique-esconde com a Mulher de Vento. Ela era *tão* real ali. Se fôssemos capazes de saltar rápido o suficiente para o outro lado de um amontoado de abetos (o que não somos), poderíamos vê-la tão bem quanto senti-la e ouvi-la. Lá estava ela: aquela cauda se arrastando era de sua capa! Não... ela já estava rindo no topo das árvores mais altas. E assim a perseguição prosseguia, até que, de repente, pareceu que a Mulher de Vento havia ido embora. A noite então se inundou de um silêncio maravilhoso, até que surgiu uma fissura repentina nas espumosas nuvens a oeste, revelando um lindo céu que mais se assemelhava a um lago rosa-esverdeado, com a lua nova no meio.

Emily ficou de pé, os punhos fechados, o delicado rostinho virado para cima. Precisava voltar para casa e descrever aquele céu em seu caderno amarelo, no qual a última coisa que havia escrito fora a *Biografia de Mike*. Aquela visão a incomodaria com sua beleza até que ela a esmiuçasse em palavras. Depois de fazê-lo, ela a leria para o pai. Não poderia, de forma alguma, se esquecer de como as pontas das árvores sobre as colinas pareciam uma delicada renda contra aquele céu rosa-esverdeado.

E então, por um momento sublime e glorioso, “o lampejo” surgiu.

Emily o chamou, embora sentisse que aquele nome não o descrevesse com exatidão. Ele não podia ser descrito; nem mesmo ao pai, que sempre parecia um tanto intrigado por ele. Emily nunca falou dele para mais ninguém.

Desde que se entendia por gente, Emily tinha a impressão de que estava extremamente próxima de um mundo de incrível beleza. Entre ela e esse mundo, havia uma fina cortina, que ela jamais conseguia abrir. Contudo, às vezes, por um breve momento, o vento agitava essa cortina, então era como se ela apenas vislumbrasse o reino encantado que havia além dela e ouvisse uma única nota de uma música sobrenatural.

Esse momento raramente acontecia e passava bem depressa, deixando-a sem fôlego com seu inexpressível deleite. Ela jamais conseguia se recordar dele, invocá-lo ou simulá-lo, mas passava dias fascinada com sua percepção, que jamais se repetia mais de uma vez pela mesma coisa. Naquela noite, haviam sido os galhos negros contra aquele céu distante. Mas ele também já fora causado por um assobio agudo e violento do vento à noite; por uma sombra ondulante que caía sobre um campo pronto para a colheita; por um pássaro cinzento que pousara em sua janela durante uma tempestade; pelos cânticos de “Santo, santo, santo” na igreja; pelo vislumbre do fogo crepitando na cozinha, quando ela voltava para casa em uma noite escura de outono; pelo azul espectral das formas criadas pelo gelo no vidro da janela, semelhantes a palmeiras à luz do entardecer; por uma palavra oportuna que lhe ocorria enquanto “descrevia” alguma coisa. E, sempre

que o lampejo surgia diante dela, Emily tinha a sensação de que a vida era uma coisa linda e misteriosa, de uma beleza perene.

Ela se apressou de volta à casa do vale, em meio ao crepúsculo que caía mais e mais, ansiosa para chegar logo e escrever sua “descrição” antes que a imagem mental do que vira se esvanecesse. Sabia exatamente como a começaria; a frase parecendo tomar forma na mente: “A colina me chamou, e algo em mim a chamou de volta”.

Encontrou Ellen Greene esperando por ela na soleira gasta da porta da frente. Emily estava tão plena de alegria que tudo lhe agradava, mesmo as gordas sem nenhum valor. Estendeu os braços em volta dos joelhos de Ellen e os abraçou. Ellen olhou para baixo, taciturna, fitando aquele rostinho extasiado e enrubescido de animação, e soltou, em um suspiro pesaroso:

– Sabia que seu pai tem só mais uma ou duas semanas de vida?



A vigília

Emily ficou imóvel olhando o rosto largo e avermelhado de Ellen – tão imóvel que parecia ter se transformado em pedra. Sentia-se assim, para falar a verdade. Estava atônita, como se Ellen tivesse lhe dado um bofetão. O rostinho empalideceu e as pupilas se dilataram a ponto de consumirem as íris, transformando seus olhos em duas piscinas negras. O efeito foi tão assustador que até Ellen Greene se sentiu desconfortável.

– Estou lhe dizendo isso porque já era hora de alguém dizer – explicou ela. – Faz meses que venho insistindo para seu pai lhe contar, mas ele só adia. Eu falava para ele: “Você sabe como é difícil para ela lidar com as coisas. Se cair duro qualquer dia desses, e ela não estiver preparada, é bem capaz de ela morrer também. É seu dever prepará-la”. E ele então respondia: “Ainda tem tempo, Ellen”, e nunca lhe dizia nada. Daí, quando o médico me disse ontem à noite que o fim pode chegar a qualquer momento, tomei a decisão de fazer a coisa certa e preparar você. Credo, minha filha, pare com essa cara! Vai ter quem cuide de você! Os parentes da sua mãe vão tratar disso, nem que seja por conta do orgulho dos Murray. Eles não vão deixar alguém do sangue deles morrer de fome ou morar com estranhos, mesmo que sempre tenham tido ódio mortal do seu pai. Você

vai ter um bom lar; melhor que o que tem aqui. Não precisa se preocupar com nada. Quanto ao seu pai, você deveria se sentir agradecida ao vê-lo descansar. Faz cinco anos que ele vem morrendo aos poucos. Escondeu isso de você, mas tem sofrido muito. Todos dizem que o coração dele ficou em pedaços quando sua mãe morreu. Foi tão repentino... ela só ficou doente por três dias. É por isso que quero que você saiba o que está por vir, para que não fique arrasada quando acontecer. Por Deus, Emily Byrd Starr, não fique parada aí desse jeito! Você está me deixando nervosa. Você não é nem a primeira nem a última criança a ficar órfã. Seja sensata. E não vá perturbar seu pai com o que lhe contei, ouviu? Agora saia desse sereno e entre. Vou lhe dar um biscoito antes de você ir para a cama.

Ellen desceu um degrau como se fosse pegar a mão de Emily, que seria capaz de gritar se alguém a tocasse naquele momento. Com um chorinho repentino, agudo e amargurado, ela se esquivou e disparou porta adentro, subindo as escadas enegrecidas.

Ellen balançou a cabeça e voltou para a cozinha.

– Seja como for, cumpra *meu* dever – murmurou. – Ele continuaria dizendo “tem tempo, tem tempo” e adiando contar até morrer, e daí ninguém daria conta dela. Agora ela vai poder se acostumar com a ideia e, em um ou dois dias, vai estar mais forte. Devo admitir que ela é corajosa, o que é uma sorte, dado o que tenho ouvido acerca dos Murray. Eles não vão conseguir dobrá-la com facilidade. Ela também tem lá sua parcela de orgulho, e isso vai ajudá-la a atravessar as dificuldades. Queria ter coragem de mandar um recado para os Murray avisando que o senhor Starr está nas últimas, mas não ousei ir tão longe. Vai saber como *ele* reagiria. Bom, aguentei as pontas aqui até o último momento e não me arrependo. Poucas mulheres fariam o mesmo, vivendo como se vive aqui. É uma vergonha o jeito como essa menina foi criada, nunca indo à escola. Mas já falei para ele várias vezes o que penso a respeito disso; pelo menos quanto a isso tenho *minha* consciência tranquila. Xô, Sal, suma daqui! Onde está Mike?

Ellen não pôde encontrar Mike, pois ele estava no andar de cima com Emily, que o abraçava com força, sentada no escuro em sua cama de campanha. Em meio a tanta agonia e desolação, a maciez do pelo e o veludo da cabecinha redonda do animal a confortavam.

Recusando-se a chorar, Emily fitava o vazio, tentando enfrentar aquela monstruosidade que Ellen lhe dissera. E não duvidava – algo lhe dizia que aquilo era verdade. Por que ela não podia morrer também? Não poderia seguir vivendo sem o pai.

– Se eu fosse Deus, não deixaria coisas assim acontecerem – disse ela.

Sentiu que aquilo era algo muito ruim de dizer. Certa vez, Ellen lhe dissera que a pior coisa que alguém poderia fazer era procurar defeitos em Deus. Mas ela não se importava. Talvez, se fosse má o suficiente, Deus a faria morrer, então ela e o pai não se separariam.

Mas nada aconteceu; nada além de Mike se cansar do forte aperto de Emily e se desvencilhar dos seus braços. Ela estava completamente só agora, com aquela terrível dor que parecia percorrer todo o seu ser, mas que, ainda assim, não era algo físico, embora não a deixasse por nada. Tampouco adiantaria escrever sobre ela no velho caderno amarelo. Ela já escrevera nele sobre a partida da professora da Escola Dominical, sobre estar com fome ao ir dormir e sobre ser chamada de “biruta” por Ellen ao lhe falar sobre o lampejo e a Mulher de Vento. E, após escrever sobre essas coisas, elas já não a machucavam mais. Mas, sobre isso, ela não podia escrever nem buscar conforto no pai, como fizera quando queimara feio uma das mãos ao tocar acidentalmente o atizador da lareira ardendo de quente. Naquele dia, o pai a segurou nos braços a noite inteira e lhe contou histórias para ajudá-la a suportar a dor. Mas o pai, como dissera Ellen, ia morrer em uma ou duas semanas. Emily sentia-se como se Ellen tivesse lhe dado aquela notícia havia muitos e muitos anos. Certamente, não fazia mais de uma hora desde que estivera brincando com a Mulher de Vento nos campos áridos e observando a lua nova no céu rosa-esverdeado.

“O lampejo nunca mais vai voltar... ele não pode voltar”, pensou ela.

Mas Emily herdara algo de seus belos e antigos ancestrais: o poder de lutar, de sofrer, de se compadecer, de amar profundamente, de se regozijar, de resistir. Essas coisas estavam todas dentro dela e podiam ser vistas em seus olhos violeta-acinzentados. Sua capacidade de resistir surgia agora para ajudá-la e lhe dar suporte. Ela não podia deixar que o pai soubesse o que Ellen lhe contara; isso poderia magoá-lo. Era preciso que ela guardasse total segredo e também que *amasse* o pai; ah, que o amasse tanto no pouco tempo que ainda pudesse ter com ele.

Ouviu-o tossir no cômodo abaixo; ela deveria estar na cama quando ele subisse. Despiu-se tão rápido quanto lhe permitiram os dedos congelados e meteu-se silenciosamente na cama de campanha, em frente à janela aberta. As vozes daquela agradável noite de primavera a chamavam, não recebendo nenhuma atenção; a Mulher de Vento assobiava pelos beirais, sem, contudo, ser escutada, pois as fadas habitam somente o reino da alegria; não tendo alma, não podem adentrar o reino da tristeza.

Ela se encontrava ali deitada, imóvel, impassível e suprimindo o choro, quando o pai entrou no quarto. Como ele caminhava devagar! Como tirava a roupa devagar! Como era possível que ela não tivesse notado essas coisas antes? Mas ele não estava tossindo. Ah, e se Ellen tivesse se enganado? E se... Um fio de esperança atravessou-lhe o coração. Soltou um suspiro.

Douglas Starr se aproximou da cama. Ela sentiu sua doce presença quando ele se sentou na poltrona ao lado dela, trajando seu velho robe vermelho. Como ela o amava! Não havia ninguém como ele em todo o mundo. Não poderia haver! Tão carinhoso, tão compreensivo, tão maravilhoso! Sempre haviam sido tão companheiros, haviam se amado tanto, não era possível que não continuassem juntos.

– Ei, menina dos olhos grandes, já dormiu?

– Não – suspirou Emily.

– Não está com sono, querida?

– Não... estou sem sono.

Douglas Starr tomou a mão da filha e a segurou firme.

– Então vamos ter nossa conversa, meu amor. Também não consigo dormir. Quero lhe contar algo.

– Oh, eu já sei! Eu já sei! – exclamou Emily. – Oh, papai, eu já sei! A Ellen me contou!

Douglas Starr ficou em silêncio por um momento. Em seguida, disse entredentes: “Aquela velha idiota! Velha gorda e idiota!”, como se o sobrepeso de Ellen fosse um agravante de sua estupidez. De novo, pela última vez, Emily teve esperança. Talvez fosse tudo um terrível equívoco; só mais um produto da estupidez adiposa de Ellen.

– Não... não é verdade, é, papai? – sussurrou ela.

– Emily, minha filha – disse o pai –, não consigo levantá-la; já não tenho forças para isso. Mas sente-se aqui no meu colo, como sempre fazemos.

Emily escorregou para fora da cama e subiu no colo do pai. Ele a envolveu com o velho robe e aproximou o rosto do dela.

– Minha filha querida, minha amada Emilyzinha, é verdade, sim – disse ele. – Eu mesmo ia lhe contar hoje à noite, mas aquela besta velha da Ellen lhe contou antes... de um jeito bem bruto, imagino... e a magoou profundamente. Ela tem o cérebro de uma galinha e a sensibilidade de uma vaca. Tomara que os chacais se assentem sobre o túmulo da avó dela! Eu não a teria magoado, meu amor.

Emily lutou contra algo que tentava sufocá-la.

– Pai, não consigo... não consigo suportar isso.

– Consegue, sim, e vai! Você vai viver porque acredito que há algo que precisa fazer. Você tem o meu dom, além de algo que nunca tive. Vai ser bem-sucedida onde falhei, Emily. Não pude fazer muito por você, meu anjo, mas fiz o que pude. Acho que consegui lhe ensinar algo, apesar de Ellen Greene. Emily, você se lembra da sua mãe?

– Só um pouco... uma coisa ou outra, como se fossem pedacinhos de um sonho bom.

– Você só tinha 4 anos quando ela morreu. Nunca conversei muito com você a respeito dela. Eu não conseguia. Mas, esta noite, vou lhe contar tudo sobre ela. Isso já não me magoa. Vou vê-la de novo em

breve. Você não se parece com ela, Emily, a não ser quando sorri. De resto, é idêntica à pessoa de quem herdou o nome: minha mãe. Quando nasceu, eu quis que você também se chamasse Juliet. Sua mãe disse que, se seu nome fosse Juliet, eu logo criaria o hábito de chamá-la de “mãe”, para distinguir entre vocês duas, e *isso* era algo que ela não suportaria. Ela explicou que sua tia Nancy, certa vez, lhe dissera que, “uma vez que seu marido a chama de ‘mãe’, o romantismo acaba”. Por isso, nós lhe demos o nome da minha mãe. O nome de solteira dela era Emily Byrd. Sua mãe achava Emily o nome mais lindo do mundo; dizia que era exótico, divertido e agradável. Emily, sua mãe era a mulher mais doce que jamais existiu.

Sua voz falhou, e Emily se achegou nele.

– Eu a conheci doze anos atrás, quando era subeditor do *Enterprise*, em Charlottetown. Ela cursava o último ano na Queen’s. Era alta, tinha a pele clara e os olhos azuis. Parecia-se com sua tia Laura, mas a Laura nunca foi tão bonita quanto ela. Seus olhos eram diferentes, e a voz também. Ela era da família Murray, de Blair Water. Nunca lhe contei muito sobre a família de sua mãe, Emily. Eles vivem lá na costa norte, em Blair Water, na Fazenda Lua Nova. Sempre viveram lá, desde que o primeiro Murray chegou, em 1790, vindo da Europa. O navio em que ele veio se chamava *Lua Nova*, e ele deu esse mesmo nome à fazenda dele.

– É um belo nome. A lua nova é tão bonita – disse Emily, momentaneamente interessada.

– Desde então, sempre houve algum Murray na Fazenda Lua Nova. Trata-se de uma família orgulhosa. O orgulho dos Murray é conhecido na costa norte, Emily. Bom, eles até têm do que se orgulhar, isso não se pode negar, mas exageram. Naquela região, são chamados de “os escolhidos”. Cresceram, se multiplicaram e se espalharam por tudo que é canto, mas do grupo original que vivia na Fazenda Lua Nova restam bem poucos. Só suas tias Elizabeth e Laura moram lá hoje, e o primo delas, Jimmy Murray. Elas nunca se casaram... não conseguiram encontrar ninguém que fosse bom o bastante para um Murray, é o que se costumava dizer. Seu tio Oliver

e seu tio Wallace vivem em Summerside; sua tia Ruth, em Shrewsbury; e sua tia-avó Nancy, em Priest Pond.

– Priest Pond? Que nome interessante... Não tão bonito como Lua Nova e Blair Water, mas interessante – disse Emily, que, ao se sentir abraçada pelo pai, se acalmou momentaneamente, acreditando que a doença dele não passava de um lamentável engano.

Douglas Starr a envolveu mais forte no robe, beijou seus cabelos negros e continuou:

– Elizabeth, Laura, Wallace, Oliver e Ruth são filhos do velho Archibald Murray. Sua primeira esposa era mãe deles. Aos 60 anos, ele se casou novamente com uma jovem moça, que morreu quando sua mãe nasceu. Juliet era vinte anos mais jovem que sua meia-família, como ela costumava chamá-los. Era muito bonita e charmosa, e todos a adoravam e mimavam. Tinham muito orgulho dela. Quando ela se apaixonou por mim, um pobre e jovem jornalista sem nada no mundo além de sua caneta e sua ambição, houve um verdadeiro terremoto na família. O orgulho dos Murray absolutamente não podia tolerar tal coisa. Não vou remoer tudo que aconteceu, mas foram ditas coisas que eu jamais fui capaz de esquecer ou perdoar. Sua mãe se casou comigo, Emily, e o pessoal de Lua Nova não quis mais saber dela. Você acredita que, mesmo assim, ela nunca se arrependeu de ter se casado comigo?

Emily ergueu a mão e acariciou as bochechas flácidas do pai.

– *Claro* que não! *Claro* que ela não se arrependeu. Era óbvio que ela preferia você a todos os Murray de qualquer lua que fosse.

O pai riu-se um pouco, e uma breve nota de triunfo surgiu em seu riso.

– Sim, era assim que ela parecia se sentir. Fomos tão felizes! Ah, Emilyzinha, nunca houve duas pessoas mais felizes no mundo. Você é fruto dessa felicidade. Eu me lembro da noite em que você nasceu, na casinha de Charlottetown. Era maio, e um vento vindo do oeste soprava nuvens prateadas sobre a lua. Havia uma estrela ou outra, aqui e acolá. Nosso pequeno jardim... tudo que tínhamos era escasso, exceto nosso amor e nossa felicidade... estava escuro e florido. Eu subia e descia o caminho

entre os canteiros de violeta que sua mãe havia plantado e rezava. O céu pálido a leste estava apenas começando a reluzir feito uma pérola cor-de-rosa quando alguém veio me dizer que eu havia tido uma filha. Entrei, e sua mãe, pálida e fraca, sorriu aquele querido sorriso lindo e vagaroso que eu adorava e disse: “Nós temos... o único... bebê... que importa... no mundo, meu amor. Imagine só!”

– Eu queria que as pessoas pudessem se lembrar de tudo desde o momento em que nasceram – disse Emily. – Seria tão interessante!

– Ouso dizer que teríamos muitas memórias desagradáveis – disse o pai, rindo-se um pouco. – Não deve ser muito gostoso se acostumar a viver, da mesma forma que não deve ser lá muito bom deixar de viver. Mas você não pareceu achar difícil, pois era uma ótima bebezinha, Emily. Tivemos mais quatro anos de felicidade, e aí... Você se lembra de quando sua mãe morreu, Emily?

– Eu me lembro do funeral, pai... Lembro-me *muito* claramente. Você estava de pé no meio da sala, me segurando nos braços, e a mamãe estava lá, deitada, bem na nossa frente, em uma caixa longa e preta. Você chorava, e eu não entendia por que e me perguntava por que a mamãe estava tão pálida e não abria os olhos. Então me inclinei e toquei a bochecha dela... Nossa, como estava fria! Me deu até um arrepio. Daí alguém na sala disse: “Coitadinha!”, fiquei com medo e encostei o rosto no seu ombro.

– Sim, eu me lembro disso. Sua mãe morreu muito repentinamente. Melhor não falarmos disso. Os Murray vieram todos para o funeral. Eles têm certas tradições que seguem à risca. Uma delas é que não se deve usar nada além de velas para iluminar a casa de Lua Nova. Outra é que nenhuma desavença deve ser levada para além do túmulo. Eles vieram depois que ela morreu, e teriam vindo enquanto ela estava doente, se tivessem sabido, devo admitir isso a respeito deles. E se comportaram muito bem; nossa, muito bem mesmo. Não pareciam em nada os Murray de Lua Nova. Sua tia Elizabeth usou seu melhor vestido de cetim preto para vir ao funeral; para qualquer funeral que não fosse de um Murray, o segundo melhor bastaria. E não fizeram nenhuma objeção quando eu lhes disse que sua mãe

queria ser enterrada no jazigo dos Starr, no cemitério de Charlottetown. Eles teriam ficado felizes em levá-la embora para o antigo cemitério dos Murray em Blair Water... Eles têm o próprio cemitério, sabia? Nada de cemitério comum para *eles*... Mas seu tio Wallace admitiu, de modo muito honrado, que uma mulher deve pertencer à família do marido, tanto na morte quanto na vida. E então eles se ofereceram para levar você com eles e criá-la... para “dar a você o lugar que pertencia a sua mãe”. Eu me recusei a deixar que a levassem. Você acha que fiz bem, Emily?

– Sim! Sim! Sim! – sussurrou Emily, com um abraço a cada sim.

– Eu disse a Oliver Murray... foi ele quem veio falar comigo sobre você... que, enquanto vivesse, não me separaria da minha filha. Ele respondeu: “Se algum dia você mudar de ideia, nos avise”. Mas nunca mudei de ideia, nem quando um médico me disse, três anos depois, que eu precisaria parar de trabalhar. “Se você não parar, lhe dou um ano”, disse ele; “se parar e passar tanto tempo quanto puder ao ar livre, lhe dou três, talvez quatro”. Ele profetizou bem. Eu me mudei para cá e nós passamos quatro anos maravilhosos juntos, não é, minha pequena?

– Sim! Nossa, sim!

– Esses anos, e o que lhe ensinei ao longo deles, são o único legado que posso lhe deixar, Emily. Temos vivido da pequena renda que recebo graças à pensão vitalícia que um tio me deixou em herança... um tio que morreu antes de se casar. A herança será passada agora a uma instituição de caridade, e esta casinha é alugada. De um ponto de vista puramente material, certamente fui um fracasso. Mas a família de sua mãe vai cuidar de você, tenho certeza. O orgulho dos Murray vai garantir isso, se nenhuma outra coisa o fizer. E eles não têm como não amar você. Talvez eu devesse ter mandado chamá-los antes... talvez eu deva fazer isso agora. Mas também tenho meu orgulho... os Starr não são inteiramente desprovidos de tradição... e os Murray me disseram coisas muito feias quando me casei com sua mãe. Devo mandar um recado a Lua Nova e pedir que venham, Emily?

– Não! – exclamou Emily, beirando a ferocidade.

Ela não queria que ninguém se metesse entre ela e o pai durante os poucos e preciosos dias que lhes restavam. Era horrível para ela pensar nisso. Já era ruim o suficiente que tivessem que vir mais tarde, mas ela já não se importaria com muita coisa a essa altura.

– Vamos ficar juntos até o final, então, Emilyzinha. Não vamos nos separar nem por um minuto. E quero que seja corajosa. Você não deve ter medo de *nada*, Emily. A morte não é algo ruim. O mundo é cheio de amor, e a primavera chega em todo lugar. Na morte, é como se abrísssemos e fechássemos uma porta. Há coisas lindas do outro lado dela. Vou encontrar sua mãe lá. Já duvidei de muita coisa, mas *nunca* disso. Por vezes, tive medo de que ela se adiantasse tanto a mim nos caminhos da eternidade que nunca conseguisse alcançá-la. Mas agora sinto que ela está esperando por mim. E vamos esperar por você; mas não vamos nos apressar. Vamos nos demorar e fazer hora até que você nos alcance.

– Queria que... pudesse me levar com você – sussurrou Emily.

– Depois de um tempo, você não vai mais desejar isso. Ainda precisa aprender como o tempo é gentil. E a vida reserva algo para você, sinto isso. Siga em frente, sem medo, para descobrir o que é, minha querida. Sei que não consegue ver isso agora, mas com certeza vai se lembrar destas minhas palavras.

– O que sinto agora – disse Emily, que não suportava esconder nada do pai – é que já não gosto mais de Deus.

Douglas Starr gargalhou. Emily adorava aquela gargalhada. Era uma gargalhada tão querida! Ela prendeu a respiração ao ouvi-la e sentiu os braços do pai envolvendo-a mais firmemente.

– Gosta, sim, meu amor. Não tem como não gostar de Deus. Ele é o próprio amor, sabia? Mas, claro, você não deve confundi-Lo com o Deus da Ellen Greene.

Emily não sabia exatamente o que o pai queria dizer, mas, de repente, percebeu que não tinha mais medo. A amargura já não fazia parte de seu pesar, e não havia aquela dor insuportável pesando em seu coração. Sentiu como se o amor a rodeasse completamente, envolto por uma espécie de

ternura invisível que pairava no ar. Não é possível ter medo ou se sentir amargurado onde há amor, e o amor estava por toda parte. O pai atravessaria a porta – não, ele abriria a cortina; ela gostava mais dessa ideia, porque uma cortina não é tão dura e impenetrável quanto uma porta – e passaria para aquele mundo do qual o lampejo de inspiração lhe dera alguns vislumbres. Ela suportaria qualquer coisa se soubesse que o pai não estava distante dela, mas apenas do outro lado daquela cortina oscilante.

Douglas Starr a abraçou até que ela dormisse; então, apesar da fraqueza, conseguiu deitá-la na pequena cama.

– Ela vai amar profundamente, vai sofrer terrivelmente, vai ter momentos gloriosos para compensar tudo, como eu mesmo tive. Assim como a família de minha esposa cuidará dela, que Deus possa cuidar de todos eles – murmurou ele, com voz embalada.



Parente, mas não parece

Douglas Starr viveu mais duas semanas. Anos depois, quando a dor havia desaparecido das lembranças desses dias, Emily passou a considerá-las as mais preciosas que tinha. Foram semanas maravilhosas – maravilhosas, e não tristes. E então, certa noite, enquanto estava no sofá na sala de estar, com Emily a seu lado, na velha poltrona, ele atravessou a cortina. Fê-lo tão tranquila e silenciosamente que Emily não notou sua partida até perceber a estranha quietude da sala: não havia nenhuma respiração nela senão a dela própria.

– Pai! Pai! – bramiu ela, gritando por Ellen em seguida.

* * *

Quando os Murray chegaram, Ellen Greene disse-lhes que Emily se comportara muito bem, levando em consideração tudo que havia acontecido. Para dizer a verdade, ela chorara a noite inteira e não dormira nem um minuto sequer; nenhuma das pessoas de Maywood que se prontificou gentilmente a vir ajudar pôde confortá-la; mas, ao raiar do dia, ela já não tinha mais lágrima que derramar. Estava pálida, quieta e dócil.

– Isso mesmo! – disse Ellen. – É isso que acontece quando estamos preparados. Seu pai ficou tão bravo comigo quando lhe dei a notícia que não me tratou devidamente desde então... E olha que estava moribundo! Mas não guardo rancor dele. Fiz o meu *dever*. A senhora Hubbard está preparando um vestido preto para você, que vai ficar pronto até o jantar. Os parentes da sua mãe chegam hoje à noite, pelo que disseram no telegrama, e quero que lhe encontrem bem-arrumada. Eles são gente abastada, que vão cuidar bem de você. Seu pai não lhe deixou um centavo, mas também não lhe deixou nenhuma dívida, é preciso reconhecer. Você já foi ver o defunto?

– Não o chame *assim* – chorou Emily, encolhendo-se. Era horrível ouvir o pai sendo chamado dessa forma.

– E por que não? Menina esquisita! O cadáver ficou até mais bem-arranjado do que eu esperava, dado quão estava acabado e tudo mais. Ele sempre foi um homem bonito, ainda que muito magro.

– Ellen Greene – disse Emily de repente –, se disser mais uma dessas... coisas... sobre meu pai, vou lhe rogar uma praga!

Ellen Greene a fitou.

– Não sei que diabos quer dizer, mas isso não é jeito de falar comigo depois de tudo que fiz por você. É melhor não deixar os Murray lhe ouvirem falando assim ou não vão querer saber de você. Praga! Hum, é isso que eu ganho!

Os olhos de Emily ardiam. Era apenas uma pequena e solitária criatura e sentia-se completamente desprovida de amigos. Mas não se arrependia em nada do que dissera a Ellen e não fingiria o contrário.

– Venha aqui me ajudar com a louça – ordenou Ellen. – Vai lhe fazer bem ter algo para ocupar a mente; assim não vai sair por aí querendo rogar praga em quem trabalhou feito uma condenada por você.

Emily lhe lançou um olhar cheio de significado e foi pegar o pano de prato.

– Gorda desse jeito – disse ela –, você não se parece em nada com uma condenada.